

A POESIA AFRO-BRASILEIRA DE CONCEIÇÃO EVARISTO: UMA LEITURA PELA IGUALDADE ÉTNICA

AFRO-BRAZILIAN POETRY OF CONCEIÇÃO EVARISTO: A READING FOR ETHNIC EQUALITY

Laécio Fernandes de Oliveira (UEPB)

lfoliveira.36@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0001-7684-1875>

Linduarte Pereira Rodrigues (UEPB)

linduartepr@gmail.com

<https://orcid.org/0000-0002-9748-179X>

RESUMO: Diante da expressividade da literatura afro-brasileira como cultura das bordas e seu funcionamento como símbolo de denúncia, escritoras como Conceição Evaristo refletem, em suas escritas, a voz da mulher negra e o combate às injustiças sociais, revelando um lugar de resistência à diáspora africana e uma perspectiva literária de autoria. Sob esta ótica, considera-se a problemática do racismo e a necessidade de construção de uma igualdade étnica. O artigo se baseia na multimodalidade da linguagem e na semiótica das culturas para propor a leitura literária de dois poemas da referida escritora, cuja voz performática, semiotizada, faz emergir na materialidade textual o simbólico da linguagem, cujos sentidos suscitam o imaginário humano, permitindo, ao leitor, a reconstrução da diáspora africana e a percepção do lugar de autoria da mulher negra comprometida com a trajetória do seu povo. Destaca-se a importância de discutir as relações étnico-raciais – Lei 10.639 – que tornam obrigatório o ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira nas redes de ensino brasileiras, em especial, na educação pública, com características socioeconômicas de exclusão, necessitando de abordagens que possibilitem romper com o paradigma do racismo cristalizado socialmente em prol do desenvolvimento do pensamento crítico e do reconhecimento de movimentos de redemocratização de políticas públicas socioeducacionais.

PALAVRAS-CHAVE: relações étnico-raciais; literatura afro-brasileira; leitura; semiótica.

ABSTRACT: Faced with the expressiveness of Afro-Brazilian literature as a culture of the borders, and its functioning as a symbol of denunciation, writers such as Conceição Evaristo reflect in their writings the voice of black women and the fight against social injustices, revealing a place of resistance to the African diaspora and a literary perspective of authorship.

From this point of view, the issue of racism and the need to build an ethnic equality are considered. The article is based on the multimodality of language and on the semiotics of cultures to propose the literary reading of two poems by the aforementioned writer, whose performative, semiotic voice makes the symbolic of language emerge in the textual materiality, whose meanings arouse the human imagination, allowing the reader, to reconstruct the African diaspora and to perceive the authorship of black women committed to the trajectory of their people. We highlight the importance of discussing ethnic-racial relations Law 10.639 which make the teaching of Afro-Brazilian History and Culture mandatory in Brazilian education networks, especially public education, with socioeconomic characteristics of exclusion, requiring approaches that make it possible to break with the paradigm of socially crystallized racism in favor of the development of critical thinking and the recognition of movements for the redemocratization of socio-educational public policies.

KEYWORDS: *ethnic-racial relations; afro-brazilian literature; reading; semiotics.*

1 Introdução

A cultura dos signos visuais intensificou-se no mundo contemporâneo e, ao mesmo nível, naturalizou-se a distinção entre os signos verbais e não verbais. No entanto, Santaella (2007) afirma que, na maioria das vezes, estamos dispersos do processo cognitivo que nos liga ao mundo através da linguagem dos signos, estruturado por Saussure (2012) como significante (a forma [letra/imagem acústica/som] – o plano de expressão) e significado (o conceito que remete ao plano do conteúdo). Trata-se de um fenômeno cognitivo comum a qualquer que seja o momento de comunicação e qualquer tipo de linguagem.

Esse fenômeno impõe a linguagem como ponte entre os sujeitos e entre estes e o mundo; um veículo para os aspectos histórico-culturais e para a materialização de discursos que evidenciam, atualizam e (re)significam vozes em contextos diversos. Essa característica da linguagem permite-nos afirmar sua natureza dialógica, tendo em vista que toda enunciação cria um campo dialógico e, conseqüentemente, campos de representação sócio-históricos e político-culturais.

No campo literário, a linguagem compõe-se por uma diversidade de signos que constroem um terreno simbólico que pode ser explorado para que sujeitos experimentem, (re)conheçam outras histórias, outras culturas, reconheçam-se e possam sensibilizar-se por meio do trabalho poético, tanto em versos quanto em prosa, ao sentirem e se deixarem tocar pela complexidade da vida humana e suas relações (OLIVEIRA; SILVA, 2016).

Desse modo, a linguagem põe em funcionamento um campo de representação simbólica para além do convencional, da materialidade das vozes e dos contextos em que são enunciadas, dos discursos que expõe e seus efeitos de sentido, das tensões e rupturas sociopolíticas que deles resultam, cujo acesso pelo homem ocorre por meio de processos mentais, frente à sua habilidade em transformar “inconscientemente objetos ou formas em símbolos, conferindo-lhes enorme importância psicológica” (JUNG, 2016, p. 227) e atribuindo-lhes expressão, tanto na religião quanto nas artes visuais, ou aos vários contextos da vida em sociedade.

Portanto, é no campo da linguagem multimodal, considerando sua composição diversa e seus modos de expressão, que demarcamos nossa visão semiótica sobre a problemática do racismo e a necessidade de construção de uma igualdade étnica. Objetivamos propor a leitura literária de dois poemas da escritora Conceição Evaristo e evidenciar uma voz performática – semiotizada – que faz emergir, na materialidade textual, o simbólico da linguagem, cujos sentidos suscitam o imaginário humano e permitem, ao leitor, a reconstrução da diáspora africana e a percepção do lugar de autoria da mulher negra¹ comprometida com a trajetória do seu povo. À medida que reconstrói um lugar de dignidade, contrário às injustiças socioétnicas da diáspora africana², seu texto constitui-se, semioticamente, como um objeto afro-identitário que permite ao leitor formar imagens da reconstrução do processo diaspórico do povo africano.

Com esse propósito, buscamos suporte na Lei 10.639, que alterou a Lei 9.394 e instituiu o dia 20 de novembro como o dia da Consciência Negra no calendário escolar e estabeleceu diretrizes e bases da educação nacional, em busca de incluir, no currículo oficial das redes educacionais, o tema História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, proporcionando discussões e, conseqüentemente, a desconstrução de discursos que veiculam pensamentos cristalizados e estereotipados ainda presentes na sociedade brasileira (BRASIL, 2003).

Acreditamos na relevância da discussão dessa temática pela sociedade como forma de desconstruir discursos tóxicos, bem como na existência de uma única espécie humana, cuja origem movimentava várias discussões. Porém e sobretudo, não há dúvida sobre a sua formação heterogênea. Não resta dúvida que vivemos em um mundo desigual, econômica e socialmente,

¹ Neste trabalho, optamos pelo uso do termo “negro” ao invés do termo “preto” como forma de adesão ao movimento de positivação que, segundo Conceição Evaristo (*apud* MARTINS; CRUZ, 2020), surgiu na Literatura, nos anos 70, em oposição a uma semântica negativa do termo advinda da escravidão. Na atualidade, muito por um contraste entre gerações e discussões internas aos movimentos sociais, há uma preferência pelo termo “preto” (MARTINS; CRUZ, 2020).

² O conceito de diáspora africana ou diáspora negra (HALL, 2003) remonta ao processo danoso de deslocamento do povo africano e suas relações sociais, no contexto do Brasil imperial (colônia), e sua continuidade, impulsionada pelo capitalismo, resultando na contribuição dos africanos para formação das identidades brasileiras.

cujas distâncias aprofundam-se muito em virtude de uma visão limitada que atribui valores distintos às etnias, valores enraizados num passado escravocrata.

O preconceito racial é um mal a ser exterminado da mente humana. Segundo Souza (2021), o racismo é multifacetado e se ressignifica ao longo dos tempos, por isso é tão difícil livrar-se dele. Para o sociólogo, embora estejamos distantes do período danoso da escravidão, muito de sua estrutura ainda se mantém, destinando o negro aos lugares periféricos da sociedade. Neste sentido, situamos os sujeitos que compõem a escola pública brasileira, representantes da sociedade que sofre com essa desigualdade e carece de desenvolver o pensamento crítico sobre a história do povo negro, sua cultura e contribuições para construção da sociedade, papel a que se presta o texto afro-identificado, ao promover a resistência e a ascensão da cultura negra. A visão teórica da Literatura Afro-Brasileira enquanto cultura das bordas e lugar de representação de uma ação fronteiriça do povo negro é o tema da próxima seção.

2 Literatura Afro-Brasileira: da cultura das bordas a um agir fronteiriço

Na literatura brasileira, diversas temáticas são representadas, ao mesmo tempo que representam lutas históricas constantes, frente à heterogeneidade de povos que contribuíram para a formação do povo brasileiro, a exemplo dos africanos. A expressão “constantes”, utilizada anteriormente, demarca, hoje, a certeza de que a pecha da escravidão (do preconceito e do racismo) não é algo do passado, mas que de alguma forma sobreviveu na escuridão, aguardando o momento de eclodir num lampejo de desumanidade que assombra o mundo contemporâneo.

A temática étnico-racial está associada, ou melhor, retoma, atualiza as culturas de um continente que se encontra na “periferia” do mundo global, embora detenha uma das maiores riquezas de diamantes do planeta. Este fato não parece tão relevante à liberdade daquele povo. De acordo com a grande mídia brasileira, a exemplo da revista eletrônica *Exame* – em reportagem publicada em 2019 – a escravidão ainda é um mal que assombra o povo africano em pleno século XXI. As autoras do texto, Ukomadu e Chile, alertam para que o tráfico de crianças e adolescentes é o mais comum, a exemplo da jovem “Lagos – Blessing”, com seis anos de idade, cuja mãe a entregou a uma família nigeriana para trabalho doméstico, sem remuneração, em troca de escolarização.

Se, para os africanos, a escravidão ainda é uma realidade, o povo brasileiro libertou-se, há pouco mais de um século, da presença aberta da escravização. Contudo, sofre com os resquícios e os sabores desse mal, a exemplo do racismo estrutural. Essa herança infeliz dispensou ao homem negro um lugar social “menor” e levou à consolidação do pensamento impróprio sobre o negro como sinônimo de “feio”, de “ruim” e de “inferior” ao branco, ideia simetricamente reproduzida pelos termos da cultura clássica, que está associada à cultura do homem branco e que se distingue de uma suposta cultura vulgar (RODRIGUES, 2009). Esse pensamento se consolidou no decorrer dos séculos XVIII e XIX por meio de teorias científicas racialistas (SOUZA, 2021), que dispensaram ao homem negro um símbolo social de rejeição. Trata-se de um mal que ganhou múltiplas proporções: a desvalorização da cultura afro-brasileira e africana e sua contribuição para formação do povo brasileiro.

Desse contexto histórico surgiu a Lei 10.639, como um fio de esperança para o surgimento de tempos de reparação. O texto da lei versa, nos parágrafos 01 e 02, sobre a inclusão:

1º Do estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, resgatando a contribuição do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

2º Dos conteúdos referentes à História e Cultura Afro-Brasileira serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de Educação Artística e de Literatura e História Brasileiras (BRASIL, 2003, p. 1).

Do exposto, destacamos a importância das lutas travadas pelos movimentos sociais, em especial pelo movimento negro, para impulsionar o desenvolvimento de políticas afirmativas a favor do reconhecimento e valorização da cultura afro-brasileira, a exemplo da lei 10.639. A esse respeito, o Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdade (CEERT) realiza o Prêmio Educar para Igualdade Racial, reeditado em 2022, com o objetivo de mapear, fortalecer e disseminar boas práticas de educação antirracista e de promoção da equidade racial e de gênero em ambiente escolar (RIBEIRO, 2022). É uma conquista que se apresenta no parágrafo primeiro da lei, ao mencionar que o conteúdo programático busca incluir a luta dos negros no Brasil, a cultura negra, a formação da sociedade nacional e a valorização da contribuição do povo negro nas áreas: social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

Adotamos a expressão “cultura das bordas”, cunhada por Ferreira (1990), em oposição à “cultura das margens” para nos referirmos às culturas afro-brasileira e africana, haja vista a

existência dos diversos movimentos sociais, a exemplo do movimento negro. Suas lutas impulsionam o surgimento de políticas públicas e mudanças inclusivas na sociedade, a favor das culturas afro-brasileira e africana, em busca de reconhecimento e aproximação de um centro hegemônico, lugar de gozo das culturas tradicionais – reconhecidas e valorizadas por um poder social, político e econômico. Assim, endossamos o pensamento da estudiosa:

[...] para não trazer a noção de pejorativa ou mesmo reversor a de marginal ou de alternativa. Com ‘bordas’ quero enfatizar a exclusão do centro, aquilo que fica numa faixa de transição entre uns e outros, entre as culturas tradicionais reconhecidas como folclore e a daquelas que detêm maior atualização e prestígio, uma produção que se dirige, por exemplo, a públicos populares de vários tipos, inclusive àqueles das periferias urbanas (FERREIRA, 1990, p. 10).

Esse movimento impulsionador das culturas das bordas aponta para um agir fronteiriço dos sujeitos em busca da valorização e reconhecimento da sua cultura e de sua historicidade. Conforme Bhabha (1998, p. 19), embora tenhamos atribuído à cultura o lugar do “além” e, por isso, termos nos afeiçoado ao prefixo “pós” (pós-colonialismo, pós-modernismo etc.), este lugar utópico não pode ser eixo isolado, sem conexão com o passado. Entre as polaridades, claro e escuro, existe o ponto que marca a ausência não na totalidade, mas de um e o início do outro, uma transição que segue uma escala de *continnum* e *descontinnum*.

Inícios e fins podem ser os mitos de sustentação dos anos no meio do século, mas, este *fin de siècle*, encontramos-nos no momento de trânsito em que espaço e tempo se cruzam para produzir figuras complexas de diferença e identidade, passado e presente, interior e exterior, inclusão e exclusão (BHABHA, 1998, p. 19).

Esse processo intenso, em busca de um devir, sempre transitando pelas fronteiras do presente e do passado, ocorre por uma desorientação, um desajuste de caminho, no “além” – movimento que não cessa e que é bem caracterizado pelos pares “aqui; lá”, “para lá e para cá”, “para frente e para trás” (BHABHA, 1998, p.20). Trata-se de um movimento dinâmico pelo qual se constituiu um distanciamento das concepções particulares de “classe” e/ou “gênero” enquanto núcleos de organização primária, originando posicionamentos de sujeitos mais cientes quanto às realidades étnicas, de gênero, de gerações, das institucionalizações, da localidade geopolítica e das questões que envolvem o humano e condicionam as identidades no mundo contemporâneo (BHABHA, 1998). Esse movimento proporciona condições de pensar as identidades dos sujeitos, suas etnias e seus deslocamentos – espaço/território – enquanto instâncias discursivas.

É a partir desse contexto que nos propomos visualizar a poesia afro-brasileira da escritora Conceição Evaristo, com traços expressivos de autorreconhecimento e do processo diaspórico do povo africano, com evidências de um agir fronteiriço de resistência e denúncia que busca unir o presente e o passado pela construção de novos rumos identitários. Por essas características, é capaz de proporcionar a aquisição de conhecimento e promover a desconstrução de preconceitos enraizados no tocante às culturas das bordas. Como Oliveira e Silva (2016, p. 48), afirmamos: “a escravidão brasileira foi a instituição mais duradoura da história do país, não obstante, o Brasil constituiu-se como a nação que mais recebeu africanos escravizados no processo da diáspora africana”. Assim, a literatura afro-brasileira destaca-se na promoção de lutas, de denúncias e das reivindicações dos movimentos negros e sociais.

Desse modo, os autores concebem a literatura afro-brasileira consolidada por todas as características que lhes são próprias. Isto é, a articulação de vozes/sujeitos que se reconhecem como negras e situam-se na história do povo negro funcionando como suportes para temas e linguagens que materializam discursos marcados pelo “pertencimento étnico e pelo propósito de construir um texto afro-identificado” (OLIVEIRA; SILVA, 2016, p. 50). Com isso, traz em sua materialidade discursos políticos, históricos, que evidenciam e são representativos das lutas travadas pelo seu povo em busca de reconhecimento e diretos igualitários perante a sociedade.

Essa condição humana nos aproxima das ideias de Hall (2003) que dispõem que o movimento diaspórico africano é essencial para pensar os registros culturais das Américas, a partir do hibridismo, das trocas culturais. Fora disso, é ordenação teológica e obscurantismo dos conflitos culturais, impossibilitando a visualização e a superação das desigualdades e das opressões. Assim, para o autor, não há meios plenos de reaver as origens africanas em busca de ser/se tornar negro, mas perceber a ancestralidade africana como um conjunto memorial de acesso parcial. Portanto, ser negro é conviver num mundo racista que nos exige inscrição numa posição identitária e nos conduz a um posicionamento político sobre a cultura, a história e uma condição afro-brasileira, que nos permite pensar continuamente a negritude e definir qual identidade negra posso/podemos construir (HALL, 2003).

Do exposto, endossamos o pensamento de Cândido (1995) que prevê que a literatura tem como característica a capacidade de humanizar, pois, através da voz, o sujeito é levado a conhecer e a vivenciar várias experiências, além de organizar sua visão sobre o mundo e sobre si mesmo. Logo, a voz funciona como instrumento performático dos sujeitos, modelando,

lapidando *performances*³, pois possui/é “corporeidade, o peso, o calor” (ZUMTHOR, 2007, p. 16). A voz é expansão do volume real do corpo, é corpo teatral, “e ao texto, reserva-se o lugar de autonomia relativa em relação à obra, ou pelo menos a diminui consideravelmente” (ZUMTHOR, 2007, p. 16).

[...] suponhamos que no extremo, o efeito desapareceria e que todo o lugar da obra se investiria dos elementos performanciais, não textuais, como a pessoa e o jogo do intérprete, o auditório, as circunstâncias, o ambiente cultural e, em profundidade, as relações intersubjetivas, as relações entre a representação e o vivido (ZUMTHOR, 2007, p.18).

Para o medievalista, a voz é querer dizer e vontade de existência, lugar de uma ausência que, nela, se transforma em presença, coisa revestida de linguagem “que descreve suas inúmeras qualidades materiais, o tom, o timbre, o alcance, a altura, o registro” (ZUMTHOR, 1997, p.11). Cada uma delas, pelo costume, liga-se a um valor simbólico. Desse modo, a voz compõe os simbolismos representados pela linguagem a partir dos gestos, sons, figuras e demais sistemas instituídos no seio de uma cultura (SANTAELLA, 2007), que tornam a linguagem peça fundamental no mundo globalizado, cujos processos sociais, culturais, econômicos, políticos, demográficos e diaspóricos de redemocratização e compreensão de tempo e espaço, dos choques e das mudanças socioculturais são tão característicos, e passíveis de visualização por meio das linguagens: artísticas, literárias e poéticas.

Frente a esse referencial teórico, reafirmamos o pensamento de Oliveira (2020) que propõe que a aula de leitura de língua materna deve promover a escuta do público leitor e considerar, na seleção de textos mediadores, os contextos de vida e as experiências dos leitores como recursos estimuladores da imaginação simbólica e de uma postura ativa a favor da produção de sentidos frente ao texto. Essa postura, certamente, resulta na promoção da identificação do leitor e consequente singularidade nas leituras realizadas, especialmente, pelos alunos da escola pública brasileira, pelo repertório rico de vivências que possuem. A próxima seção apresenta a escritora Conceição Evaristo, seguida da leitura de dois poemas da escritora.

3 Conceição Evaristo: poesia afro-brasileira, diáspora e relações discursivas

A partir dos estudos do suposto círculo bakhtiniano e dos estudos de Benveniste, a perspectiva enunciativo-discursiva e intersubjetiva da linguagem impôs-se aos estudos

³ A ideia de performance tende a cobrir toda uma espécie de teatralidade, haja vista toda “literatura fundamentar-se na performance teatral” (ZUMTHOR, 1997, p. 11).

linguísticos e literários, de modo que, desde a virada pragmática, os conceitos sobre enunciação (lugar de fala) fomentam as reflexões no campo da filosofia da linguagem e da semiótica das culturas com destaque para a área dos estudos culturais que têm se beneficiado desses conceitos. Frente ao contexto científico delineado, a enunciação contempla o envolvimento de sujeitos ideologicamente situados numa história e cultura, específicas, num determinado contexto espaço-temporal.

Embora para os estudos geográficos as percepções de espaço, lugar e posição possam ser utilizadas para demarcar as condições discursivas, isso ocorre simbolicamente, pois, para os estudos culturais, os espaços de fala extrapolam demarcações geográficas e materiais, situando as experiências e os sentidos de vida imaginados, negociados, sobretudo conquistados e inventados (HALL, 1996). É nesses espaços, lugares e posições de enunciação, que situamos a voz de escritora e a poesia de Conceição Evaristo, mulher negra, que luta pela valorização da sua história e do seu povo e, de modo crítico, aborda a temática da diáspora africana, (re)significando suas marcas aos olhos afro-brasileiros. Com isso, abre fissuras num passado para que uma narrativa do presente reflita imagens singulares das memórias diaspóricas do povo africano.

Conforme apresentação no Colóquio de Escritoras Mineiras, ocorrido na capital de Minas Gerais – em maio de 2009 – Maria da Conceição Evaristo de Brito, conhecida como Conceição Evaristo, dentre tantas obras, é autora dos romances *Ponciá vicêncio* (2003) e *Becos da memória* (2006), que estão entre as obras mais conhecidas da escritora. Nasceu em 1946, de origem humilde, migra para a cidade do Rio de Janeiro em 1970, onde cursou graduação pela Pontifícia Universidade Católica (PUC). Concluiu o mestrado em 1996 e o doutorado em 2011, ambos pela Universidade Federal Fluminense (UFF), no campo de pesquisa da Literatura Negra (LITERAFRO, 2009).

A escritora possui participação ativa nos movimentos sociopolíticos da cultura negra no Brasil. Em 1990, estreou na literatura, passando a publicar contos e poemas na série Cadernos Negros. Com versatilidade, atua tanto na poesia quanto na prosa ficcional (romances) e contos, conquistando um número crescente de leitores. De acordo com o Portal de Literatura Afro-Brasileira (LITERAFRO, 2009), as publicações da escritora destacam-se em países como Alemanha, Inglaterra e Estados Unidos. Seus contos vêm sendo objeto de pesquisas acadêmicas tanto nas universidades brasileiras como no exterior, a exemplo da tese de doutorado de Maria Aparecida A. Salgueiro, no ano 2000, intitulada *Gênero, etnia e narrativa literária: Alice Walker e Conceição Evaristo*, publicada em livro no ano de 2004.

Embora Conceição Evaristo goze hoje de reconhecimento no meio acadêmico e como escritora no campo literário, sua vida como mulher negra periférica é perpassada pela herança escravocrata, tão comum às narrativas que (re)constroem a cultura e a história da diáspora negra:

Sou mineira, filha dessa cidade, meu registro informa que nasci no dia 29 de novembro de 1946. [...] minha mãe, Joana Josefina Evaristo, [...] hoje com os seus 85 anos [...]. Deduzo [...] que ela tenha ido sozinha fazer o meu registro, portando algum documento da Santa Casa de Misericórdia de Belo Horizonte. Uma espécie de notificação indicando o nascimento de um bebê do sexo feminino e de *cor parda* [...]. Tive esse registro de nascimento comigo durante muito tempo. Impressionava-me desde pequena essa *cor parda*. Como seria essa tonalidade que me pertencia? Eu não atinava qual seria. Sabia sim, sempre soube que sou negra (EVARISTO, 2010, p. 11, grifos nossos).

As memórias da acadêmica remontam às narrativas comuns dos negros em território brasileiro, no período colonial e escravista, que se viam obrigados a não se declararem negros, de modo que a “cor parda” no registro de Evaristo evidencia a tentativa de fugir de todas as consequências de ter como herança uma cultura das bordas. Suavizar a cor da pele, ou negar as origens africanas, declarando-se pardo ou moreno – nomenclaturas adotadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) –, foi uma estratégia usada por teorias racialistas de embranquecimento da população brasileira no período pós-colonial (SOUZA, 2021). O relato/memórias da afro-brasileira, do período pós-escravista, a seguir, confunde-se, ainda hoje, há quase dois séculos do fim da escravidão, com muitas histórias de vida de afrodescendentes.

Mãe lavadeira, tia lavadeira e ainda eficientes em todos os ramos dos serviços domésticos. Cozinhar, arrumar, passar, cuidar de crianças. Também eu, desde menina, aprendi a arte de cuidar do corpo do outro. Aos oito anos surgiu meu primeiro emprego doméstico e ao longo do tempo, outros foram acontecendo. Minha passagem pelas casas das patroas foi alternada por outras atividades, como levar crianças vizinhas para escola, já que eu levava os meus irmãos. O mesmo acontecia com os deveres de casa. Ao assistir os meninos de minha casa, eu estendia essa assistência às crianças da favela, o que me rendia também uns trocadinhos. Além disso, participava com minha mãe e tia, da lavagem, do apanhar e do entregar trouxas de roupas nas casas das patroas. Troquei também horas de tarefas domésticas nas casas de professores, por aulas particulares, por maior atenção na escola e principalmente pela possibilidade de ganhar livros, sempre didáticos, para mim, para minhas irmãs e irmãos (EVARISTO, 2010, p. 12).

Ao refletirmos a história individual de Evaristo, associando-a ao processo diaspórico negro, como a própria escritora se permite fazê-lo, não estamos negando a ideia de uma diáspora negra multifacetada. Somos cientes de que os povos negros em nenhum momento foram/são iguais em sua origem étnico-cultural. Como nos alerta Hall (2003), as diversas diásporas negras,

asiáticas etc. vão inscrevendo, no campo cultural, formas de composição e (re)significação das identidades, que se (entre)cruzam, autoinfluenciam, produzem outros valores e outros significados e, a partir desse (des)encontro cultural, estabelecem uma singularidade dialógica. Ao modo de Bhabha (1998), promovem, pela fronteira do presente e do passado, do aqui e lá, a constituição de novos dizeres, novos lugares e novas identidades, sem perder de vista os interesses e relações de um mundo multicultural.

Neste sentido, Silva e Cardoso (2019) afirmam que Evaristo valoriza, em sua obra, a busca pela ancestralidade africana, com o objetivo de construir novas possibilidades de representação do ser negro na atualidade, desconstruindo estereótipos e evidenciando resistências e lutas travadas pelo seu povo. Com isso,

as vivências são transformadas em ‘escrevivências’, isto é, ‘a escrita de um corpo, de uma condição, de uma experiência negra no Brasil’. Desse modo, a temática do preconceito racial e das denúncias sociais presentes em suas produções advém de sua condição de mulher negra (SILVA; CARDOSO, 2019, p. 85).

Os estudiosos esclarecem que a “escrevivência” possui espírito de coletividade. E a escrita de Evaristo, ao mesmo tempo que é um ato coletivo, também é um ato pessoal, pois, ao passo que escreve pelos/sobre os seus, também o faz sobre/por si (SILVA; CARDOSO, 2019). Para a acadêmica, a manifestação de suas angústias, de suas dores, ganha livre curso com a literatura, visto que “escrevo porque não sei dançar nem cantar. Não tenho outras formas de manifestar minhas angústias” (EVARISTO, 2012 *apud* SILVA; CARDOSO, 2019, p. 83). Do exposto, reforçamos o caráter político, ideológico, de memórias e da diáspora negra, como característico da escrita de Evaristo, que passaremos a evidenciar a partir da leitura dos poemas “Vozes-Mulheres” e “Filhos na Rua”.

3.1 Vozes-Mulheres

Inicialmente, há que se destacar uma perspectiva multimodal/semiótica de estruturação e organização do poema, já a partir do título, “Vozes-Mulheres”. Há uma valoração atribuída ao substantivo “Vozes”, com o objetivo de equipará-lo semanticamente ao substantivo “Mulheres”, também com a primeira letra em caixa alta. O uso do hífen produz um substantivo composto “Vozes-Mulheres” em oposição à literalidade da locução adjetiva “vozes de mulheres”. Surge, então, a metáfora em que “Vozes-Mulheres” ganha caráter identitário

simbólico, atribuindo à voz do eu lírico valor simbólico e ação de *performance* (ZUMTHOR, 1997), que representa a história das mulheres negras. Para Jung (2016), o simbólico vai além do significado imediato, é metafórico. Dessa forma, a metáfora presente no título do poema passa a (re)significar a diáspora negra, tanto individual (eu lírico e sua ancestralidade) quanto coletiva (mulheres negras).

O segundo ponto a ser destacado, na organização modal do poema “Vozes-Mulheres”, centra-se numa ordem gradativa/cronológica de desenvolvimento da narrativa que vai do passado ao presente, onde o eu lírico enuncia três vozes, cujas *performances* expõem a diáspora negra associada às gerações de sua ancestralidade: a primeira voz é de sua bisavó, que é logo seguida pela segunda voz de sua avó e pela terceira voz, da sua mãe, as quais remontam três momentos diferentes da escravidão, permitindo-nos, por meio da voz teatralizada do eu lírico, visualizar os espaços e as posições em que ocorreram as experiências de vida dos sujeitos (HALL, 2003), bem como seus inconscientes pessoais e coletivos (JUNG, 2016):

A voz de minha bisavó
ecoou criança
nos porões do navio.
Ecoou lamentos
de uma infância perdida.

A voz de minha avó
ecoou obediência
aos brancos-donos de tudo.

A voz de minha mãe
ecoou baixinho revolta
no fundo das cozinhas alheias
debaixo das trouxas
roupagens sujas dos brancos
pelo caminho empoeirado
rumo à favela (EVARISTO, 2008a, p. 24).

As três vozes reconstroem um passado remoto exposto pelo tempo verbal – pretérito perfeito (ecoou) –, em que se evidenciam três histórias de vida. Mesmo que elas se passem em épocas diferentes, estão entrelaçadas, tanto pelos laços de ancestralidade quanto pela história escravocrata, revelando-nos que, embora, na contemporaneidade, tenhamos nos afeiçoados ao prefixo “pós” (pós-colonialismo, pós-modernidade etc.), não há um tempo do além, mas um entrelaçamento que nos convoca a um olhar e um agir fronteiriço entre passado e presente e suas intersecções (BHABHA, 1998), que apontam, demarcam ações, posições dos sujeitos. A voz de Conceição Evaristo é uma ponte que liga/une as vozes de seus ancestrais. Ela ressignifica

uma memória africana que se faz representação arquetipal da negritude feminina atualizada numa escritura afro-brasileira.

Assim, as reminiscências do eu lírico apontam para o processo de deslocamento dos africanos para o Brasil, no período colonial, em que as duas primeiras vozes desnudam uma escravidão institucionalizada e revelam, sob a visão do eu lírico, distanciamento “A voz de minha bisavó/ecoou criança/nos porões do navio; A voz de minha avó/ecoou obediência/aos brancos-donos de tudo” e aproximação, pois a terceira voz revela proximidade entre passado e presente e uma outra face da escravidão, já que o eu lírico vive uma falseada liberdade evidenciada pela pobreza econômica da mãe submetida às condições precárias do trabalho doméstico e de uma vida com escassez de recursos básicos na periferia urbana, na favela. É um contexto de vida que se traduz em memórias, na antepenúltima estrofe do poema, e se reproduz, por um bom tempo, na vida da filha (Evaristo), que nutre esperanças projetadas na geração futura, sua filha, cujo presente e futuro detenham, do passado, apenas as memórias:

A minha voz ainda
ecoou versos perplexos
com rimas de sangue
e
fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.

A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.
O ontem – o hoje – o agora.
Na voz de minha filha
se fará ouvir a ressonância
O eco da vida-liberdade (EVARISTO, 2008a, p. 24).

Essa voz que “ecoou baixinho revolta” revela, por sucessão, a voz de um eu lírico que (res)significa o passado no momento de vida presente, visto que sua “voz ainda/ecoou versos perplexos/com rimas de sangue/e/fome”.

Esse ecoar memorialista de sofrimentos passados é recolhido pela última voz: a da filha, [...] ao colher ‘[o] ontem – o hoje – o agora’, ‘se fará ouvir [nela] a ressonância/o eco da vida-liberdade’. Esse ‘eco da vida-liberdade’ não representa apenas a vida-liberdade da filha, mas simboliza o eco que atingirá os afrodescendentes, como uma

bandeira de liberdade, ou seja, a memória do passado é o adubo para construção de presente e futuro melhores (LIMA, 2020, p. 7).

O eu lírico “finaliza” a narrativa aspirando por um novo mundo, onde o ser negro seja um lugar ressignificado, com a forte presença de um conjunto memorial de valores políticos e culturais composto pela ancestralidade africana e seu processo de diáspora, a favor de novas posições identitárias e novos posicionamentos políticos sobre a cultura, a história e a condição afro-brasileira.

3.2 Filhos na Rua

Já no poema “Filhos na Rua”, o eu lírico se permite experienciar as agruras da escravidão, recorrendo ao inconsciente coletivo (JUNG, 2016), a partir de recortes de um passado que, por meio do interdiscurso, ecoa no silêncio no presente (ORLANDI, 2010). Para tanto, o termo “banzo”, que compõe o primeiro verso da estrofe um, “o banzo renasce em mim”, é essencial para fazer renascer no silêncio os ecos da diáspora negra. Observe os versos:

O banzo renasce em mim.
Do negror de meus oceanos
a dor submerge revisitada
esfolando-me a pele
que se alevanta em sóis
e luas marcantes de um
tempo que aqui está (EVARISTO, 2008b, p. 24-25).

O termo “banzo” pode ser conceituado como um processo psicológico que acometia os negros africanos escravizados que, ao serem levados para terras longínquas, mergulhavam num estado profundo de nostalgia, tristeza intensa, podendo chegar a um estado de loucura ou à morte. Logo, o eu lírico é acometido por essa dor profunda pela reminiscência de um passado presentificado, que ganha dimensão intersubjetiva pela metáfora do oceano, nos versos “Do negror dos meus oceanos/a dor submerge revisitada/esfolando-me a pele”. As memórias da escravidão emergem numa sucessão de dias e noites, trazendo ao tempo presente lembranças de um passado que deixa marcado o corpo do eu lírico.

Por conseguinte, o poema é investido de elementos performáticos, não textuais, como contextos histórico-culturais, tempos e suas imbricações, reminiscências do eu lírico e representações do vivido (ZUMTHOR, 2007). São aspectos que atribuem ao texto autonomia relativa e à voz do eu lírico uma *performance* teatral, que manifesta um querer dizer sobre o

presente e tempos futuros, atualizando o passado mediante uma linguagem simbólica de representação coletiva afro-brasileira.

Na segunda e última estrofe, o eu lírico retoma o termo “banzo” como elemento frasal, repetindo a mesma estrofe inicial do poema, para imprimir, nos versos poéticos, um deslocamento histórico-temporal, que passa pela mulher da aldeia ansiosa por reunir suas sementes/filhos ao útero-terra e vai até os espaços urbanos. Trata-se de uma referência aos afrodescendentes dizimados pelo processo escravista e suas consequências refletidas num mundo urbanizado, fisicamente transfigurado, da aldeia (do casebre) para a favela (das construções dos quatinhos amontoados), espaços comuns de dizimação e de disseminação do negro:

O banzo renasce em mim
e a mulher da aldeia
pede e clama na chama negra
que lhe queima entre as pernas
o desejo de retomar
de recolher para
o seu útero-terra
as sementes
que o vento espalhou
pelas ruas... (EVARISTO, 2008b, p. 24-25).

Ribeiro (2010) pontua que, em “Filhos na Rua”, a associação da mulher aos elementos da natureza pode ser uma adesão da autora às produções literárias de origem africana e ocidental que primavam pela tradicionalidade na construção do feminino. Assim, “a expressão ‘útero-terra’ e o vocábulo ‘sementes’ apontam para uma característica intrinsecamente feminina, à maternidade” (RIBEIRO, 2010, p. 5). Por outro lado, a estudiosa acrescenta que o termo “rua”, presente no título e nos últimos versos, possibilita contextualizar o poema na contemporaneidade: a rua é o lugar onde estão muitos afrodescendentes desprestigiados por políticas públicas e sociais.

Neste contexto, destacamos em Hall (1996) a importância de pensarmos a diáspora para além da ideia de deslocamento, concebendo a diversidade, a heterogeneidade de uma etnicidade não imperializante, que se expressa no modo de vida, nas relações sociais e em suas zonas de contato. Por conseguinte, reafirmamos as características da literatura afro-brasileira de Conceição Evaristo como um texto afro-identificado, que traz, em sua materialidade, hipersemiotizada, questões discursivas, histórico-culturais relevantes, cujo caráter de denúncia e resistência possibilitam a desconstrução de preconceitos e estereótipos sociais.

Além disso, configura-se como elemento de identificação para as lutas levantadas pelos movimentos negros e sociais contemporâneos, funcionando como base para pesquisadores identificados com a luta pela cidadania do povo negro no Brasil (OLIVEIRA; SILVA, 2016), além de expor um texto literário/poético como objeto artístico capaz de iluminar experiências coletivas de vida que remontam simbolicamente às singularidades, configurando um processo passível de causar identificação aos seus leitores.

4 Considerações finais

Em nosso texto, inicialmente, buscamos dimensionar a linguagem enquanto fenômeno modal/semiótico e sua função de interligar o homem – ser simbólico – e suas interrelações ao mundo. Por esse potencial, ela tem se destacado no mundo contemporâneo, que, por essência, passou a ser descrito como mundo da informação, da velocidade, da tecnologia, das imagens em movimento, tridimensionais, onde tudo é fluído. De todo esse aparato, muito se deve à habilidade cognitiva de criação do homem associada à capacidade múltipla de composição da linguagem, a partir das formas existentes e de novas composições.

Com isso, somos intensamente estimulados ao visual, ao imagético e as suas representações como uma característica global que potencializa os estímulos e os elementos de composição do pensamento humano, pois, segundo Piaget (1977), o pensamento do homem é composto de imagem e palavras. Portanto, há uma relação dinâmica entre os dois códigos, e suas dimensões são inseparáveis da vida do homem, do seu pensamento e da comunicação.

Sobre o dinamismo do pensamento humano, Roland Barthes (1984) afirma que o texto composto apenas de palavras também suscita inúmeras significações, mesmo que consideremos apenas a ambiguidade do signo verbal. Porém, compete, sobretudo ao homem, o exercício mental de fantasiar e de criar, atribuindo imagens diversas aos textos. Basta que observemos: quando lemos um livro e, na sequência, assistamos ao filme baseado no livro lido, há uma probabilidade de que nos decepcionemos (ou não) com as imagens atribuídas, pelo diretor, frente à nossa capacidade de criação de imagens, de fantasiar, no momento da leitura do livro.

Nesse contexto, desenvolvemos a leitura de dois poemas “Vozes-Mulheres” e “Filhos na Rua” da escritora brasileira Conceição Evaristo, considerando que há uma hipersemiotização na materialidade do texto poético da escritora, que se dá pelo atravessamento de questões afro-identitárias levantadas por Movimentos negros e sociais de luta e resistência pela democracia étnica, aos quais a autora é integrada. Enquanto afrodescendente, ela traz, em seu texto,

reminiscências diaspóricas individual e da sua ancestralidade. Essas características fazem do texto de Conceição Evaristo uma literatura afro-identificada (OLIVEIRA; SILVA, 2016).

O fato de Conceição Evaristo usar, em sua escrita, a técnica de “escrevivência” dá ao seu texto um espírito de coletividade, ao mesmo tempo que o transforma num ato político de luta e resistência pessoal, atribuindo a sua voz caráter simbólico, performático, por ser uma voz que é individual, tem vivência, experiências de luta e dores que se assemelham às da coletividade negra, fazendo-se também na/pela voz coletiva. Trata-se de uma voz teatralizada, cuja ação de *performance* (ZUMTHOR, 1997) representa a diáspora de mulheres negras.

No mais, enfatizamos a importância de discutir as relações étnico-raciais em ambientes educacionais, num mundo cujo campo tensivo de lutas e disputas sociopolíticas tem-se mostrado propenso às mudanças e intolerante com as injustiças. Isso pode ocorrer valendo-se de instrumentos legais como a Lei 10.639, por sua obrigatoriedade ao ensino da História e da Cultura Afro-Brasileira e pautando-se em abordagens que possibilitem romper com o paradigma do racismo cristalizado, socialmente, fomentando o pensamento crítico e os movimentos de redemocratização de políticas públicas socioeducacionais.

REFERÊNCIAS

BARTHES, Roland. *A câmara clara*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Trad. Myriam Ávila, Eliana Lourenço de Lima Reis e Glaucia Renato Gonçalves. Belo Horizonte: UFMG, 1998.

BRASIL. Lei nº 10.639, de 9 de janeiro de 2003. Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática "História e Cultura Afro-Brasileira", e dá outras providências. Brasília: Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos, 2003.

CANDIDO, Antônio. O direito à Literatura. In: CANDIDO, Antônio. *Vários escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 171-193.

EVARISTO, Conceição. Conceição Evaristo por Conceição Evaristo. In: DUARTE, Constância Lima [org.]. *Escritoras mineiras: poesia, ficção, memória*. Belo Horizonte: FAE/UFMG, 2010. p. 11-17. E-book. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/padrao_cms/documentos/eventos/vivavoz/Escritoras%20Mineiras.pdf. Acesso em: 13 out. 2022.

EVARISTO, Conceição. Vozes-Mulheres. In: EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Antologia poética. 3. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2008a, p. 24.

EVARISTO, Conceição. Filhos na Rua. In: EVARISTO, Conceição. *Poemas da recordação e outros movimentos*. Antologia poética. 3. ed. Belo Horizonte: Nandyala, 2008b, p. 24-25.

FERREIRA, Jeruza Pires. Heterônimos e cultura das bordas: Rubens Lucchetti. *Revista USP*, São Paulo, n. 4, p. 01-14, 1990. Disponível em: https://seminariostematicos.files.wordpress.com/2011/05/artigojerusapiresferreira_heteronimo_s20e20cultura20das20bordas_intermidias8.pdf. Acesso em: 15 nov. 2021.

HALL, Stuart. Identidade Cultural e Diáspora. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional*, Rio de Janeiro, n. 24, p. 68-75, 1996. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/RevPat24.pdf>. Acesso em: 21 nov. 2021.

HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Trad. Adelaine La Guardia Resende et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

JUNG, Carl Gustav. *O homem e seus símbolos*. 3 ed. Trad. Maria Lúcia Pinho. Rio de Janeiro: HarperCollins, 2016.

LIMA, Omar Silva da. Conceição Evaristo: escritora negra comprometida etnograficamente. *Literafro*: portal de literatura afro-brasileira, Minas Gerais, 2020. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/29-critica-de-autores-feminios/194-conceicao-evaristo-escritora-negra-comprometida-etnograficamente-critica>. Acesso em: 10 jun. 2022.

LITERAFRO: o portal de literatura afro-brasileira. *Conceição Evaristo*: dados biográficos. Belo Horizonte, 2009. Disponível em: <http://www.letras.ufmg.br/literafro/autoras/188-conceicao-evaristo>. Acesso em: 12 out. 2022.

MARTINS, Humberto; CRUZ, Márcia Maria. Negro ou preto? Lideranças negras refletem sobre o uso dos termos ao longo da história. *Revista Estado de Minas – Minas Gerais*, 2020. Disponível em: https://www.em.com.br/app/noticia/gerais/2020/11/20/interna_gerais,1208016/negro-ou-preto-liderancas-negras-refletem-sobre-o-uso-dos-termos-ao-l.shtml. Acesso em: 10 jun. 2021.

OLIVEIRA, Ariosvalber de S.; SILVA, Moises Alves da. A poesia afro-brasileira em sala de aula: breves reflexões e apontamentos. In: OLIVEIRA, Ariosvalber de S. et al. [Orgs.]. *Ubuntu: educação, alteridade e relações étnico-raciais*. João Pessoa: Editora do CCTA, 2016. p. 43-62.

OLIVEIRA, Laécio F. *Abordagem semiótica do texto multicultural nas aulas de leitura do ensino médio EJA*. Dissertação (Mestrado Programa Profissional de Formação de Professores) – Pró-Reitoria de Pós-Graduação e Pesquisa, Universidade Estadual da Paraíba, Campina Grande-PB, 2020.

ORLANDI, Eni P. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. 9 ed. Campinas-SP: Pontes, 2010.

PIAGET, Jean. *A imagem mental na criança*. Trad. António Couto Soares. Porto: Livraria Civilização 1977.

RIBEIRO, Bruna. Prêmio Educar para a Igualdade Racial será reeditado em 2022. Centro de Estudos da Relações de Trabalho e Desigualdade (CEERT), 30 mar. 2022. Disponível em: <https://ceert.org.br/noticias/44576/premio-educar-para-a-igualdade-racial-sera-reeditado-em-2022>. Acesso em: 12 out. 2022.

RIBEIRO, Patrícia. A poética de Conceição Evaristo como uma incursão pelos caminhos da história. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE LITERATURA, CRÍTICA, CULTURA, 4, 2010, Juiz de Fora. *Anais [...]*. Juiz de Fora: Universidade Federal de Juiz de Fora, 2010.

RODRIGUES, Linduarte P. Cultura clássica, cultura vulgar: considerações acerca do ideal de autor, leitor e leitura. *Revista Sociopoética*, Campina Grande/PB, v. 1, n. 3, p. 01-16, 2009.

SALGUEIRO, Maria Aparecida F. A. *Gênero, etnia e narrativa literária: Alice Walker e Conceição Evaristo*, 2000. Tese (Doutorado em Letras) – Universidade Federal Fluminense – Rio de Janeiro/RJ, 2000.

SANTAELLA, Lúcia. *O que é semiótica*. 25 ed. São Paulo: Brasiliense, 2007.

SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 28 ed. Trad. Antônio Chelini *et al.* São Paulo: Cultrix, 2012.

SILVA, E. K. S. da; CARDOSO, S. M. Conceição Evaristo: da mulher negra à escritora. *Revista Afro-Ásia*, Salvador, n. 59, 2019. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/afroasia/article/view/22702>. Acesso em: 13 out. 2022.

SOUZA, Jessé. *Como o racismo criou o Brasil*. 1 ed. Rio de Janeiro: Estação Brasil, 2021.

UKOMADU, Ângela; CHILE, Nneka. Escravidão persiste na África como um flagelo dos tempos modernos. *Exame (online)*, ago. 2019. Disponível em: <https://exame.com/mundo/escravidao-persiste-na-africa-como-um-flagelo-dos-tempos-modernos/>. Acesso em: 10 jun. 2022.

ZUMTHOR, Paul. *Introdução à poesia oral*. Trad. Jerusa Pires Ferreira, Maria Lúcia Diniz e Maria Inês. São Paulo: HUCITEC, 1997.

ZUMTHOR, Paul. *Performance, recepção, leitura*. Trad. Jerusa Pires Ferreira e Suely Fenerich. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

Artigo submetido em: 12 jun. 2022

Aceito para publicação em: 01 out. 2022

DOI: <https://dx.doi.org/10.22456/2238-8915.125205>